

VISÃO DO CORREIO

O preço da interferência

Audiência pública realizada ontem em Washington expôs uma ferida que o pragmatismo diplomático costuma tentar mascarar: o uso de decisões de Estado estrangeiras como combustível para as urnas brasileiras. Ao apelar diretamente ao governo de Donald Trump para que cancele a imposição de novas tarifas ao Brasil sob a justificativa de que a medida beneficiaria o presidente Lula, o senador Flávio Bolsonaro admitiu a instrumentalização do cenário econômico como arma eleitoral. Independentemente da decisão a ser tomada pela Casa Branca, a questão é estratégica para as campanhas.

E o erro de diagnóstico é compartilhado. Ao rebaixar o debate técnico de barreiras alfandegárias a um cálculo de conveniência partidária, as lideranças nacionais abrem mão da altivez institucional. Se os Estados Unidos recuarem para evitar o fortalecimento do atual governo, estarão interferindo; se avançarem com o protecionismo agressivo da doutrina Trump ignorando o apelo, moldarão a percepção do eleitorado pelo sufocamento econômico. De qualquer forma, o comércio bilateral e seus efeitos diretos no bolso do brasileiro se tornam variáveis dependendo de um cálculo que não foi feito em Brasília.

O custo dessa contaminação já é tangível. Empresários que dependem do mercado americano não sabem se planejam estoques, contratos e investimentos para um Brasil com ou sem tarifas. O câmbio oscila não apenas por fundamentos macroeconômicos, mas por declarações de senadores em audiências estrangeiras. O setor exportador, que deveria estar negociando

prazos e volumes, está de olho em bastidores diplomáticos que não controlam e nos quais não têm voz.

O comércio entre as duas maiores economias do hemisfério não pode flutuar ao sabor de pesquisas de intenção de voto ou da afinidade ideológica entre dinastias políticas. O que o setor produtivo brasileiro precisa é de previsibilidade e segurança jurídica, ativos que desaparecem quando o debate técnico é substituído pela súplica partidária em tribunais estrangeiros. Concessões feitas com base em alinhamentos automáticos cobram um preço alto e entregam poucos resultados práticos. A história recente das relações internacionais está cheia desse tipo de conta.

Cabe às instituições brasileiras tentar isolar ao máximo os efeitos colaterais dessa disputa. Flutuações de preços, pressões cambiais e restrições de mercado decorrentes do embate em Washington não podem ser digeridas pelo eleitor como peças de propaganda de nenhum lado. A estabilidade do processo democrático depende da capacidade das instituições de blindar o debate público do contágio externo e de deixar claro que as decisões tomadas em Washington não têm o poder de definir quem governa o Brasil.

A escolha do próximo ocupante do Planalto diz respeito única e exclusivamente aos cidadãos brasileiros. O protecionismo americano, disfarçado ou não de conveniência política, não deve se sobrepor à autodeterminação de um parceiro estratégico. E governantes e candidatos precisam entender que o resultado de outubro, afinal, não pode depender de negociações nos bastidores estrangeiros.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Não é só sobre futebol

Revoltou-me muito mais a ingerência do presidente norte-americano, Donald Trump, na Copa do Mundo do que a pífia — e merecida (cabe dizer) — eliminação do Brasil de Neymar Jr. e seus asseclas. Pior do que o “pedido” do titular da Casa Branca pela “revisão” do cartão vermelho dado a Folarin Bolagun, atacante dos Estados Unidos, foi a aquiescência da Fifa. Na verdade, uma excrecência.

Ao vergar-se a Trump, a entidade máxima do futebol apequenou-se. Mostrou que não se envergonha em ceder aos caprichos de um estadista sem apreço pela democracia. Um chefe de Estado que não enxerga um palmo além de seu umbigo e que pediu à própria Fifa para lhe dar um “Nobel da Paz”. Supresa nenhuma, Gianni Infantino providenciou o tal prêmio.

Durante a Copa do Mundo, Trump impôs restrições vergonhosas à permanência da seleção do Irã em território norte-americano e impediu a entrada de um árbitro da Somália. De quebra, o ICE — a famigerada polícia de Imigração dos Estados Unidos — promoveu uma verdadeira caçada aos imigrantes não documentados, aproveitando-se do fato de que muitos latinos apoiariam seu escrete nacional nos estádios de futebol. Em cinco dias, foram mais de 10 mil prisões.

A interferência nas regras da Copa do Mundo apenas diz algo a mais sobre Trump. Em quase 18 meses no poder, ele declarou guerra tarifária ao

mundo e menosprezou aliados históricos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Entrou em uma guerra contra o Irã e amargou uma derrota vexaminosa. Ordenou uma operação militar na Venezuela, capturou Nicolás Maduro e não apresentou alternativa ao chavismo, deixando a população “ao deus-dará”. Ameaçou atacar o México. No cenário interno, semeia polarização, cizânia e ódio e é cortejado por supremacistas brancos, que foram até Washington para o Dia da Independência, no sábado. Uma festa transformada em culto à imagem do egocêntrico Trump.

Assusta o fato de que faltam 927 dias de governo Trump. Em 899 dias, ele causou danos ao planeta. Há quem diga que o próximo alvo do americano é o regime socialista de Cuba. Tudo o que vai contra a ideologia capitalista parece estar na mira do Tio Sam. Existe o temor, inclusive, de que Trump interfira nas eleições brasileiras e ordene alguma ação militar contra o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV).

Adendo: os EUA sofreram uma goleada da Bélgica, pelas oitavas de final da Copa. Perderam por 4 a 1 e estão eliminados do torneio. Trump está de mãos atadas. Não poderá anular três gols, nem se quisesse. Vai precisar ficar com sua empáfia e com a vergonha por tentar interferir em uma Copa da qual sua seleção jamais teria a mínima chance de ser campeã.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Gol é efeito colateral

Observando os jogos da presente Copa do Mundo, percebe-se a diferença no nível do futebol jogado antigamente e no de agora. No tempo de grandes jogadores, como Domingos da Guia, Jair Rosa Pinto, Garrincha, Nilton Santos e Pelé, predominavam a categoria, a habilidade no drible, a potência no chute. O futebol era jogado em pé, as faltas eram acidentais, puxar a camisa era desclassificante por deslealdade. O futebol era técnica e arte. Hoje, o jogo tem dinâmica completamente diferente. Ele é jogado com as mãos, e os jogadores caem o tempo todo, porque são atropelados, puxados, recebem pisadas no pé, cotoveladas, rasteiras, são agarrados por trás para não se movimentarem ou são parados por faltas sem bola. A prioridade passou a ser impedir que o adversário jogue; o gol tornou-se um efeito colateral. A cada disputa de bola, pelo menos um vai ao chão. A deslealdade e a brutalidade foram consagradas como tática de jogo, sob a alegação de que futebol é esporte de contato. Com essas características, o jogo pode ser chamado fute-rugby. Futebol verdadeiro ficou no passado.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Pisada na bola

Carlos Drummond de Andrade (1902–1987) adverte em sua voz poética: “A bola é a mesma: forma sacra/para crakes e pernas de pau” (*Futebol*, 1988). Os extremos voltam a marcar a história das quatro linhas do esporte bretão. Nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2026, em Nova Jersey, o Brasil foi derrotado por 2 a 1 pela Noruega e acabou eliminado do torneio. Erling Haaland marcou os dois gols noruegueses no segundo tempo, enquanto Neymar descontou de pênalti nos acréscimos. Sem tirar os méritos da Noruega, que foi superior à Seleção Brasileira, a verdade é que também perdemos a partida para nós mesmos. Além de desperdiçar um pênalti com Bruno Guimarães, o Brasil perdeu oportunidades que poderiam ter mudado o rumo da partida — a mais evidente com Endrick, frente a frente com Nyland. O goleiro norueguês garantiu a segurança defensiva, enquanto Odegaard ditou o ritmo no meio-campo com talento e liderança, tornando-se protagonistas do jogo. A Seleção Brasileira mostrou-se passivo durante o jogo, permitindo que a Noruega passeasse em campo e conquistasse a vitória.

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

A Copa do Mundo acabou

A Copa do Mundo acabou. Não porque a Seleção Brasileira perdeu para a Noruega. Afinal, os brasileiros já estão acostumados com isso há 24 anos. A Copa acabou quando Gianni Infantino o atual presidente da Fifa mandou revogar um cartão vermelho dado a Folarin Balogun durante o último jogo dos EUA na fase anterior. A interferência do governo americano na Fifa e no futebol é a falência da Copa do Mundo. Será que Trump irá exigir que o time americano não possa ser derrotado dentro de campo durante a competição? Como acreditar na lisura desse esporte? Não bastassem as bets, temos a besta suprema Trump

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Seleção Brasileira: por muito menos e de forma injusta, o futebol brasileiro teve um período conhecido como “Era Dunga”. Será que não está na hora de chamar esse período sombrio da Seleção de “Era Casemiro”?

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Bélgica 4 X Trump-Infantino 1.
O futebol vence a política!

Flávio Salles — Guará 2

Não seria nesse jogo que os deuses do futebol, em seu imenso senso de justiça, abandonariam a Bélgica. A “Comissão dos Deuses para Assuntos de Tapetão”, formada por Pelé, Di Stéfano, Maradona, Nilton Santos e tantos outros, decretou: “Faça-se justiça ao futebol!”

Marcus Aurelio de Carvalho — Santos (SP)

Efeito bets: no dia em que algum juiz mandar pagar indenição e pensão vitalícia, isso muda!

Stela Morgado — Brasília

Ex-prefeito de Belford Roxo é preso após PF achar fuzil em carro ligado a ele: as lideranças políticas do Rio de Janeiro não frustram as expectativas.

Vanderlei Costa — Brasília

agindo de forma vil e criminoso no esporte. A extrema-direita não constrói nada, não deixa legado por onde passa, apenas interfere naquilo que existe e não foi feito por ela em tempo algum.

» **Rafael Moia Filho**
Bauru (SP)

Roleta-russa no lago

O Lago Paranoá era para ser um lugar de refúgio, de descanso, de esporte e de alegria. Entretanto, virou um cenário de imprudência, acidentes e medo. Isso porque tem gente que confunde liberdade com irresponsabilidade, que bebe, acelera, ignora as regras e transforma um espaço público em roleta-russa. São jet skis voando baixo, barcos conduzidos por gente sem habilitação, manobras perigosas que assustam, colidem e necessitam de resgate. Falta fiscalização, respeito, consciência, mas sobra arrogância.

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61)99555.2586 Whatsapp.

ANJ
Associação Nacional de Jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br